



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

ATKINSON, William C. (Belfast, 1902; Shipton-under-Wychwood, 1992)

Tradutor, crítico literário e historiador, William Christopher Atkinson é digno de nota, na história dos estudos portugueses no Reino Unido, não tanto pelas suas obras como pelo seu esforço para difundir o interesse pela língua, literatura e história portuguesas nas ilhas britânicas e implementar o seu ensino nas universidades, em particular na de Belfast, onde lecionou. Nascido nessa cidade, em 1902, William era filho de Robert Atkinson, um mestre-escola, e de Rachel Abraham. Frequentou a Queen's University de Belfast, formando-se em espanhol e francês em 1924. Depois de uma temporada passada em Madrid, regressou à sua cidade natal em 1925 para se dedicar a uma tese de mestrado sobre o humanista Hernán Pérez de Oliva.

Desde cedo lecionou castelhano, primeiro como leitor na sua *alma mater* e, a partir de 1932, como professor da *Stevenson Chair* na Universidade de Glasgow. Durante a Segunda Grande Guerra, serviu no Foreign Office, encabeçando as secções espanhola e portuguesa do Foreign Research and Press Service, desse modo expandindo o seu conhecimento sobre a Península. Regressado à vida civil, veio a liderar o Departamento de Espanhol de Glasgow, no qual introduziu o estudo da língua e cultura portuguesas e das literaturas latino-americanas. A sua iniciativa nas décadas seguintes foi fulcral para tornar Portugal e a América do Sul e Central partes integrantes dos estudos hispânicos nas universidades britânicas, inclusive através dos estudantes que formou e que viriam a destacar-se na área. Foi diretor, começando em 1966, do Institute of Latin American Studies de Glasgow, alargando ainda mais o estudo dessas áreas. Colaborou longamente com o *Bulletin of Spanish Studies*, servindo até de editor interino em 1953 e assegurando assim a contínua publicação da revista. Não obstante a defesa dos estudos portugueses e americanos, Atkinson dedicou a maior parte da sua produção académica a tópicos espanhóis – literários, mas também históricos. Traduziu obras de Pérez de Oliva e de vários outros autores do castelhano e escreveu sobre os mesmos temas, focando-se sobretudo na literatura do Século de Ouro espanhol.

No que a Portugal diz respeito, o seu interesse prendia-se em primeiro lugar com Camões. A introdução à sua tradução em prosa d'*Os Lusíadas* (1952) exprime uma enorme admiração pelo vate quinhentista, considerando-o o único poeta que conseguiu celebrar adequadamente a “aventura” épica de exploração e conquista do Oriente pela Europa, a abertura de novos mundos. Tal como o também tradutor William Mickle, via n'*Os Lusíadas* uma *épica do comércio* que define a nova era inaugurada no século XVI. O fascínio por Camões mantém-se presente noutros seus escritos e um capítulo substancial de *British Contributions to Portuguese and Brazilian Studies*, de 1945, é dedicado às várias traduções para o inglês da sua poesia épica e lírica. Esta obra tem, contudo, um âmbito mais alargado, traçando uma história dos contactos culturais entre Portugal e a Inglaterra e do desabrochar da lusofilia entre os britânicos. Embora o seu foco esteja sobretudo na receção literária e nos relatos de viagem (como o de Beckford), são referidos também alguns historiadores, entre eles Morse Stephens, Charles Boxer e, numa edição revista de 1974, Harold Livermore.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

A sede na qual Atkinson dedicou mais tinta a Portugal é a sua *A History of Spain and Portugal*, de 1960. Tal obra é mais uma enunciação, com algum detalhe, da evolução política e social da Península Ibérica (da proto-história à atualidade), do que o resultado de pesquisa original. Ainda assim, revela certa reflexão, focada principalmente no caráter dos povos peninsulares. A abordagem escolhida é em si mesma interessante: correspondendo os capítulos a sucessivos períodos cronológicos, são descritos os eventos e conjunturas dos vários países ibéricos nessas mesmas épocas, em paralelo, com uma lógica que se assemelha à da história comparada e conectada, popularizada décadas mais tarde, acentuando as relações e os aspetos em comum – por exemplo, na Idade Média, a prevalência em todos os reinos peninsulares de forais/*fueros* nas povoações, a representação da população vilã nas Cortes, a exploração agrícola em latifúndios a sul e minifúndios a norte. Ou, no século XIX, o clima de caos que sucedeu às Invasões Francesas e a fragilidade do Liberalismo português e espanhol.

A identificação dessas semelhanças, e daquilo que o historiador vê como a unidade geográfica do espaço peninsular (apartado da Europa), não significa que os vários povos não possuam identidades nacionais. No caso de Portugal, a nacionalidade não é vista como resultando da independência (narrada como produto da ambição pessoal de D.^a Teresa e D. Afonso Henriques), mas sim da conclusão bastante precoce da Reconquista, que permitiu ao país consolidar-se internamente e definir um *propósito nacional* claro, nomeadamente a expansão ultramarina. Outros fatores de diferenciação são encontrados na presença mais intensa de celtas no ocidente da Península (responsáveis pelo caráter melancólico e lírico dos galaico-portugueses) e na geografia que faz deles um povo oceânico.

Através da expansão, cumprem assim o seu *destino* marítimo. Os *Descobrimientos* são vistos por este Autor de forma altamente positiva, exprimindo admiração pelas viagens de exploração e pelas conquistas. Na visão de Atkinson, Vasco da Gama inaugurou uma nova era do mundo, não apenas por estabelecer a ligação direta entre o Ocidente e o Oriente, mas sobretudo por iniciar uma nova conceção de *império*, baseada na navegação e no comércio, não na conquista territorial. Essa mesma conceção, afirma, logrará à Inglaterra o império global que obteve nos séculos seguintes (Espanha, pelo contrário, é uma potência terrestre e perpetua o modelo imperial anterior). Portugal é assim um precursor da mentalidade comercial, que se tornaria dominante, e é nesse papel digno de grande louvor.

Sem deixar de apontar que o império asiático entrou em declínio depois do vice-reinado de D. João de Castro e que a riqueza do Oriente influenciou negativamente a situação económica e *moral* do reino, Atkinson não coloca especial foco em noções decadentistas, enfatizando em vez disso que Portugal “refundou” o seu império, primeiro no Brasil e depois em África, mantendo ainda nesta possessões extensas e dignas de “orgulho”. Quanto à metrópole, elogia figuras posteriores como D. João V, o Marquês de Pombal e D. Pedro IV. Em contrapartida, é extremamente crítico das últimas décadas da monarquia constitucional e, acima de tudo, da Primeira República, considerando que a experiência republicana em Portugal (como, de resto, em Espanha) fracassou por completo e descambou no caos. Louva Oliveira Salazar por ter restabelecido

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

duradouramente a *paz e ordem*. Como é frequente entre os autores britânicos, também este historiador vê a Aliança Luso-inglesa e as relações entre os dois países numa ótica muito positiva, enfatizando todas as ocasiões em que ingleses desempenharam algum papel na história portuguesa e afirmando que mesmo os momentos de tensão, como o Ultimato de 1890, foram prontamente ultrapassados.

Na sua principal “obra histórica”, Atkinson não esquece as suas raízes literárias, dedicando sucessivas secções às literaturas nacionais portuguesa e espanhola (referindo também, em menor medida, a pintura). O Autor via a língua, a literatura e a História como os três pilares necessários para conhecer o espírito de um povo.

Além de uma clara influência, na sua conceção histórica, de Camões, o Autor aponta como referência historiadores portugueses como Fortunato de Almeida, João Ameal e Oliveira Martins, bem como alguns estrangeiros, entre eles Harold Livermore e Edgar Prestage.

Pelos seus contributos para difundir os estudos portugueses no Reino Unido, William Atkinson recebeu a Ordem do Infante D. Henrique, em 1972. Em 1957, recebera um prémio Rockefeller pela sua pesquisa na América do Sul. Viajou extensivamente pelo continente americano, discursando como professor convidado num grande número de universidades. Reformado desde 1972, faleceu em 1992.

Bibliografia ativa: ATKINSON, William C., *Hernán Pérez de Oliva. A Biographical and Critical Study*, *Revue Hispanique*, LXXI:160 (1927), pp. 309–484; “Studies in Literary Decadence”, *Bulletin of Spanish Studies*, IV: 13–16 (1927); “An Introduction to Portuguese” in E. Allison Peers (ed.), *A Handbook to the Study and Teaching of Spanish*, Methuen & Co., Londres, 1938; “Introduction”, in Luís Vaz de Camões, *The Lusíads*, Penguin Books, Londres, Harmondsworth, 1952; *A History of Spain and Portugal*, Penguin Books, Londres, Harmondsworth, 1960; *British Contributions to Portuguese and Brazilian Studies*, Londres, Longmans, Green and Co., 1974 (edição revista, original de 1945).

Bibliografia passiva: BYRNE, C., “The Publications, Appointments and Other Achievements (1925–1977) of William C. Atkinson”, *Bulletin of Spanish Studies*, 95(2–3), 2018, pp. 45–83, *online* em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14753820.2018.1493878#d1e77>; MACKENZIE, Ann L., “Introduction II: William C. Atkinson (1902–1992) Scholar of Spain, Portugal and Latin America”, *Bulletin of Spanish Studies*, 95(2-3), 2018, pp. 17-43, *online* em <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/14753820.2018.1489031>; SAN ROMÁN, Gustavo, “The Rise of Modern Latin American Literary Studies in the UK: A Questionnaire to Early Practitioners”, *Bulletin of Spanish Studies*, 84(4–5), 2007, pp. 447–494, *online* em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14753820701452436#d1e134>.

Tiago Seixas dos Santos